

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O IMPACTO DA FILOSOFIA E DA HISTORIOGRAFIA ALEMÃ NA ESCRITA DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

André Augusto Abreu Villela

Graduado em História e Ciências Sociais

Centro Universitário UNI-BH

e-mail: andrevillela2000@hotmail.com

Resumo: Este artigo tem como pretensão mostrar a influência da filosofia, e do historicismo alemão, na obra de Sérgio Buarque de Holanda, desde sua primeira “fase alemã” ainda na juventude, até posteriormente já nos anos de 1970, onde o autor irá se embrenhar no pensamento da Escola Histórica Alemã Oitocentista, com artigos sobre Leopold Von Ranke, e obras como *Do Império a República*. Sendo assim, o artigo pretende também discutir o embate entre a historiografia francesa, versus o pensamento germânico, e qual a estratégia usada pelos *Annales*, para tentarem se sobrepor ao pensamento alemão, e sua suposta revolução como inéditos na historiografia.

Palavras-chave: Sérgio Buarque de Holanda, Historicismo e Historiografia Alemã

Abstract: This article intends to show the influence of German philosophy and historicism in the work of Sérgio Buarque de Holanda, from his first "German phase" still in his youth, until later in the 1970s, where the author will delve into the thought of Eighteenth-century German Historical School, with articles on Leopold Von Ranke, and works such as *Do Império a República*. Thus, the article also intends to discuss the clash between French historiography versus German historiography, and what strategy was used by the *Annales*, to superimpose German historiography, and its supposed revolution as unprecedented in historiography.

Keywords: Sérgio Buarque de Holanda, Historicism and German Historiography

Introdução

Certeau, em seu livro *A Escrita da História*, mais precisamente no capítulo *A Operação Historiográfica*, o autor assim começa a introdução, “o que fábrica o historiador quando “faz história”? Para quem trabalha? O que produz?”. (CERTEAU, 2017, p. 45). Trata-se de uma obra seminal para todo historiador. Para Certeau, o fazer história, seria a síntese de uma prática, de um lugar social e de uma escrita particular.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Obra essa que pode ser entendida como revolucionária dentro do campo historiográfico, desde seu lançamento na França no ano de 1975. Michel de Certeau foi um pensador multidisciplinar, um iconoclasta, influenciado principalmente pelo pós-estruturalismo francês, na figura de Michel Foucault, a psicanálise freudiana e lacaniana, o apreço a desconstrução e à linguagem de Roland Barthes, a etnologia de Lévi Strauss, e ainda leitor atento de Hegel, de Wittgenstein, de Nietzsche e de Karl Marx. Sendo assim, o jesuíta francês não fala simplesmente da história, mas principalmente sobre a escrita da história, ou seja, as fontes selecionadas pelo historiador, são efeitos de algo que ele não vivenciou. Estudar história, dirá Certeau, é promover um diálogo com o discurso dos mortos. E o trabalho do historiador é criar ausentes. As identidades de tempo, lugar, sujeito e objeto, presumidas pela historiografia clássica, não passariam, para Certeau de um efeito, de uma construção, de um mito. Como Aron, Foucault, Veyne e outros antes dele, Certeau questiona a capacidade interpretativa contemporânea de produzir representações adequadas a realidade passada. Como cita Júlio Benvivoglio: “de certo modo, a obra de Certeau acabou sendo inserida no contexto da história das mentalidades por um lado e por outro na nova história cultural”. (BENTIVOGLIO, 2016, p. 118)

Os anos de Sérgio Buarque de Holanda na Alemanha (1929-1930)

Nascido em São Paulo no ano de 1902, filho de pai pernambucano e mãe carioca, foi para o Rio em 1921, permanecendo lá até 1946, quando se muda em definitivo para São Paulo para dirigir o Museu Paulista. Durante o ano de 1929, Chateaubriand propõe a Sérgio Buarque uma viagem à Alemanha, Polônia e Rússia, a serviço dos *Diários Associados*, enviando reportagens ao Brasil. Segundo apontamentos de sua esposa Maria Amélia, embarcou em junho, no *Cap Arcona*. Na mesma viagem seguia Josias Leão. Juntos, desembarcaram em Hamburgo, rumaram para Berlim, cautelosos e com pouco dinheiro. Recorda sempre do frio, causador de uma gripe terrível. Sérgio residia na zona mais agradável da cidade, numa avenida boemia e espaçosa apelidada a “Champs Elysées berlinense”. Enquanto regressava ao Brasil, nasceu, em Berlim, seu filho Sergio Gerog Ernst, filho de Anne Margerithe Ernst. (HOLANDA, 2006).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Sérgio Buarque, ensaísta, escritor e intelectual brasileiro, nos anos em que vive nessa “Berlim Brechtiana” do começo dos anos 30, cidade com cerca de 2 milhões de habitantes, oferecia tanto as ilusões de grande metrópole industrializada, de uma cultura capitalista e tecnológica, como focos de vida cultural, críticos da sociedade capitalista. Durante os quase dois anos que por lá permanece, irá entrar em contato direto com a sociologia, a filosofia e o historicismo alemão, principalmente com nomes como Weber, Dilthey e Simmel. Em 1922, Sérgio Buarque comentaria em um artigo: “De nenhuma nação se pode dizer tanto como da Alemanha que nela, o movimento modernista tenha conquistado toda uma elite intelectual”. (REVISTA ARTE NOVA, 1922, p. 109 a 110). Em palestra proferida na USP, no ano de 1969, Sérgio Buarque comenta a respeito da escrita do livro *Raízes do Brasil* em terra estrangeira: “Escrevi aquele livro em parte na Alemanha, terra clássica do historicismo e do antipositivismo: o positivismo tal como era compreendido no século passado. E sem pensar retomava o fio dessas considerações naquela aula”. (HOLANDA, 196 – Anexo, p. 1).

Pode-se dizer, que é durante esse período que há uma guinada do até então crítico literário para o historiador, mais precisamente quando foi indicado, em 1930, pela embaixada brasileira em Berlim, para escrever uma coluna na revista *Brasilianische Rundschau*, do órgão oficial do conselho de comércio brasileiro de Hamburgo, na qual publicou diversos artigos relativos a economia e a história do Brasil. Essa produção de Sérgio Buarque em alemão, permanece em grande parte, completamente inéditos e desconhecidos ainda hoje do público brasileiro. *Raízes do Brasil* pode ser considerado um livro político, publicado em 1936. O próprio autor o trata com um certo desdém, ao afirmar em uma entrevista: “É um livro no qual não concordo muito, mas que tem tido uma grande visibilidade, e é por isso que eu jamais escreveria de novo *Raízes do Brasil*, principalmente porque o livro ficou no nível do ensaio”. E o próprio Sérgio continua a respeito do método de escrita adotado por ele na época: “Não sou contra ensaística ou a interpretação, mesmo hoje. Mas a pesquisa deve ser rigorosa e exhaustiva. Senão, o resultado são apenas elucubrações, às vezes brilhantes, mas desvinculadas da realidade”. (HOLANDA, 1982).

Sérgio Milliet, em 1964, afirmava que Sérgio Buarque representava uma ponte entre duas gerações, o primeiro o ensaísta das crônicas nos jornais e revistas e colaborador

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

das revistas modernistas *Klaxon* e *Estética* nos anos de 1920. O segundo o que escreve *Raízes do Brasil* já na década seguinte, passando de escritor a historiador profissional, ainda que o livro não representasse ainda toda maturidade de um Sérgio Buarque de Holanda, como já na sua terceira fase, nos anos de 1950, como escritor de clássicos para a historiografia brasileira como *Caminhos e Fronteiras* e *Visão do Paraíso*. Maria Odila de forma assertiva, assim como Milliet, irá dizer que Sérgio Buarque foi um homem ponte entre os intelectuais da “rua” e os das “instituições”. Ela afirma: “Pesquisador solitário em grande parte de sua vida, quis a todo custo acreditar que a universidade era o meio profícuo para institucionalizar as condições necessárias para o estímulo à pesquisa. (DIAS, 1994, p. 274).

Segundo Francisco Iglésias, o melhor da crítica a respeito, é o notável ensaio de Antonio Candido, “O significado de *Raízes do Brasil*”, usado como prefácio em todas as edições desde então. Como cita Candido “No tom geral, uma parcimoniosa elegância, um vigor de composição escondido pelo ritmo despreocupado e às vezes sutilmente digressivo, o que faz lembrar Simmel e nos parecia um corretivo a abundância nacional”. O ensaio assinala com justeza, no período anterior, as matrizes desse pensamento: “O seu respaldo teórico prendia-se a nova história social dos franceses, a sociologia da cultura dos alemães, a certos elementos de teoria sociológica e etnológica também inéditos entre nós”. (IGLESIAS, 1992).

Sérgio Buarque, já durante esse período lia de Marx a Nietzsche, de Proust a Dostoiévski, percorrera inúmeras frentes europeias de crítica a cultura burguesa, aos dogmatismos, tanto os de origem religiosa como os cientificistas ou deterministas. Cedo, se enveredara pelas correntes europeias de crítica ao progresso, a civilização capitalista, reificante e massificadora. Encantado pela leitura de Burckhardt, de Bergson e de Georg Simmel, muito cedo se voltou para o estudo de vertentes estetizantes ou historicistas de críticas a cultura. Segundo Maria Odila, o historiador recorreu a alguns parâmetros de Max Weber acerca do advento do capitalismo e da modernidade na Europa. Tinha a religião como fator importante desse processo e admirava a tese weberiana do papel dos calvinistas na instituição de uma religião e uma disciplina do trabalho. Ao dialogar com Weber, mantinha-se numa atitude de prudente cautela em relação às suas categorias. Aproveitou-se, por exemplo, de seu conceito dos tipos ideais, chegando a tecer no texto

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

considerações francamente afins às suas, por exemplo, ao opor ao conceito de cordialidade o de polidez. (DIAS, 2011).

Durante o período na Alemanha, escreveu artigos para a revista *Duco*, e por ela entrevistou vários intelectuais, entre eles o escritor Thomas Mann, assistiu aulas de História e Ciências Sociais, algumas aulas de Friedrich Meinecke¹, que há algum tempo era professor da Universidade de Berlim, num meio conhecido como círculo de Simmel. Sua entrevista com o Nobel de Literatura, Thomas Mann foi de fato interessante, o autor descreveu a Sérgio Buarque seu grande interesse pelo Brasil, mesmo sendo alemão, era filho de uma brasileira, Júlia da Silva Bruhns. Sérgio, assim descreveu o cenário do esperado encontro com o romancista alemão: “Hoje, 18 de dezembro, às dez e meia horas, em frente ao Hotel Adlon, Unter den Linden recebe indiferente os primeiros flocos de neve deste inverno. Certo pressentimento de que o romancista dos *Buddenbrook* havia esquecido aquela entrevista”. (HOLANDA, 1930). Mas a entrevista aconteceu, e assim escreveu Sérgio ao *O Jornal*, sua entrevista publicada no ano de 1930, com o autor de *A Montanha Mágica*, quando ainda se encontrava em Berlim antes de sua partida para Estocolmo.

O Brasil faz-me evocar, na verdade, alguns instantes deliciosos de minha infância e de minha mocidade. Recordo-me de que minha mãe, que era brasileira, e que nasceu em uma fazenda de café e ou de açúcar; não me recordo bem, entretinha-me frequentemente sobre a beleza da baía de Guanabara...Sim, creio que a essa origem latina e brasileira devo certa clareza de estilo e, para dizer como os críticos, um “temperamento pouco germânico”. Li apaixonadamente os clássicos alemães, os escritores franceses e russos e, especialmente, os ingleses, mas estou certo de que a influência mais decisiva sobe minha obra resulta do sangue brasileiro que herdei da minha mãe. (O JORNAL, 16 de fevereiro de 1930).

Sérgio também foi testemunha ocular de movimentos totalitários que cercavam a Europa. Viu o fascismo na Itália e mais de perto a ascensão do nazismo na Alemanha, acompanhando os anos agitados da República de Weimar, Sérgio Buarque traduziu as legendas do filme *Anjo Azul*, dirigido por Josef Von Stenberg, estrelado por Marlene Dietrich, e, certo dia, viu um grupo de partidários de Hitler espancando um rapaz judeu. (WEGNER, 2009). O próprio Nietzsche, antes de Weber, já havia demonstrado um

¹ O historiador Sérgio da Mata, tenta desconstruir essa narrativa, no qual Sérgio Buarque de Holanda tenha realmente frequentado as aulas de Friedrich Meinecke em Berlim, durante os anos de 1929 a 1931.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

grande desencantamento com a cultura ocidental. Sérgio, antes mesmo de ir a Berlim, já havia entrado em contato com as obras do filósofo alemão, através de traduções francesas, também conhecidas nos círculos dos jovens modernistas, no qual Sérgio também fazia parte. (VELLOSO, 2010)

A própria filosofia de Heidegger, parece ter reverberado na obra de Sérgio Buarque, sua obra magna *Ser e Tempo* de 1927, já ecoava por toda a Europa naquele momento, é quase certo essa influência direta ou indireta em *Raízes do Brasil*. Já nos anos 40 e 50, Sérgio publicaria alguns artigos como *Tendência Filosófica*, *Existencialismo e Ainda o Existencialismo*, ambos de 1951, publicados no *Jornal Diário Carioca*, tratando com maestria e profundidade a obra de Martin Heidegger, quando Sérgio naquele momento revisava *Raízes do Brasil* para a segunda edição, revista e ampliada de 1948, até chegar na edição definitiva de 1969.

Segundo João Kennedy Eugênio, Sérgio Buarque inseriu 116 novos parágrafos, o que corresponde a um acréscimo da ordem de um terço do texto, que, no geral, podem se relacionar com uma insatisfação com generalidades e um desejo de se aproximar do discurso de um historiador profissional. Assim escreveu Sérgio em seu artigo, publicado originalmente no *Jornal Diário Carioca*, mostrando que já no ano posterior ao lançamento da obra fundamental de Heidegger, chegava com peso ao Brasil, inspirando a muitos, principalmente o diplomata e filósofo brasileiro, Horácio Lafer, que irá discorrer longos elogios a obra do filósofo de Freiburg, em seu livro intitulado *Tendências Filosóficas Contemporâneas*, de 1928.

A filosofia de Heidegger é uma filosofia da existência. Mas a interpretação da existência não é senão uma preparação para a resposta mais grave, à pergunta mais ampla, acerca do ser (...) e um pensador em formação, e de seu livro capital – *Ser e Tempo* – só foi editada a primeira parte, assim mesmo incompleta. Isso aumenta as dificuldades de uma exposição que, em rigor, não pode ser feita ainda hoje. Já no prefácio ao livro, alude à incomensurável importância desse filósofo. E no corpo do seu estudo endossa, quase sem discrepância, as palavras de um exaltado apologista para quem o pensamento de Heidegger é hoje o caminho real. (JORNAL DIÁRIO CARIOCA, 1951).

O sentimento que rondava a Europa, era um sentimento de mudança, do pensamento radical, de ruptura profunda com o passado. Dois volumes das obras de Nietzsche foram encontrados em sua biblioteca, o primeiro era um livro de Alfred Baumler sobre Bachofen e Nietzsche e o outro era uma tradução francesa do livro de Karl

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Jaspers sobre a questão do cristianismo em Nietzsche. Ernani Chaves, cita algumas traduções das obras do filósofo encontrada na biblioteca particular de Sérgio Buarque.

Em 1954, ou seja, mais de duas décadas depois, Schelechta publicou a sua edição das obras de Nietzsche, que continha um volume com os póstumos, depois igualmente questionado pela edição Colli-Montinari. É a edição Schelechta que se encontra ainda hoje na biblioteca de Sérgio, no arquivo da Unicamp. Isso mostra, sem dúvida, o seu permanente interesse por Nietzsche. (CHAVES, 2008, p. 403).

Naqueles anos, discutia-se no calor do tempo, a política nacional e internacional, com olhos voltados para o debate sobre as virtudes e os vícios do capitalismo. Um avançado capitalismo que Sérgio Buarque conhecera e concebera nos seus anos alemães, quando, no crepúsculo da República de Weimar, entre os anos de 1929 e 1930, o nome do falecido Max Weber brilhava ainda como referência incontornável para as novas gerações de intelectuais universitários com que o então jovem jornalista brasileiro convivia em Berlim. Segundo Pedro Monteiro, este é o quadro que subjaz a feitura de *Raícesl*, livro meio alemão, como nos acostumamos a pensar. (MONTEIRO, 2015).

Mesmo estando próximo da historiografia francesa, já nos anos 40, quando se muda em definitivo para São Paulo, talvez Sérgio jamais tenha superado a historiografia alemã e Weber, pelo contrário, ele dialogou com eles o tempo todo. Um bom exemplo, seja a menção no prefácio da segunda edição de *Visão do Paraíso*, onde Sérgio Buarque admitiu ter se inspirado na obra de Ernst Curtius, historiador e arqueólogo alemão, utilizando-a como ferramenta em sua investigação. Os motivos edênicos do descobrimento e expansão do Brasil são análogos à tópica utilizada na investigação dos traços latinos das culturas regionais e nacionais europeias. “Para isso foi de grande serventia o recurso à tópica, no sentido que adquiriu esse conceito, tomado à velha retórica, desde as modernas e fecundas pesquisas filológicas de E. R. Curtius”. (HOLANDA, 2010, p. 24)

Assim como Marx, principalmente em *O Capital*, em seu auge intelectual (1867), Weber, outro pensador alemão, também está interessado na gênese do capitalismo moderno. Marx irá propor uma análise puramente economicista, através do Materialismo Histórico, enquanto Weber propõe uma abordagem cultural, e das ideias para a problematização, tal qual Sérgio Buarque de Holanda em *Visão do Paraíso*. Muitos ainda consideram a obra de Weber, como uma resposta a Marx. Inclusive a Escola de Frankfurt,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

principalmente na figura de Herbert Marcuse, irá chamar Weber de forma pejorativa de “O Marx da Burguesia”, principalmente no Congresso de Sociologia de 1964, ocorrido em Heidelberg, em homenagem ao centenário de Weber. (SELL, 2013, p. 31). Outro ponto em comum entre Sérgio Buarque e Weber, aparece em *Raízes do Brasil*, quando o autor irá citar a diferença entre “Trabalho e Aventura”, talvez bastante inspirado pelo termo alemão *Beruf* (vocação), usado no capítulo Conceito de Vocação de Lutero. (WEBER, 2012, p. 71).

Essa mistura de sociologia e ensaio teológico, em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, talvez tenha sido junto ao Historicismo alemão, seus maiores referenciais, sem se esquecer de Capistrano de Abreu, (o homem entre o positivismo e o historicismo), talvez um dos pioneiros no uso da historiografia alemã em terras brasileiras, juntamente com José Honório Rodrigues, Manoel Luiz Salgado Guimarães, dentre outros. Desde o começo da História no IHGB, até a urbanização juntamente com a Universidade. Capistrano e Sérgio Buarque, por exemplo, não abandonaram uma concepção realista de história, ou sua pretensão a verdade. Mas ambos perceberam dimensões da complexidade dessa tarefa, na presença constante da reescrita, ou na perspectiva de que novos documentos e interpretações obriguem a uma revisão dos conhecimentos estabelecidos. Tanto a obra de um quanto do outro historiador são de difícil enquadramento em tradições historiográficas nacionais, e também nos ismos historiográficos. (NICODEMO, 2018).

Segundo Sérgio Buarque de Holanda, o nome de Deus que aparece inúmeras vezes em seus escritos é apenas uma concessão ao protestantismo, mas jamais o sinal de um intenso sentimento religioso. Sérgio pode encontrar, com todas as letras, que a crítica dirigida ao cristianismo por Nietzsche, em vez de ser uma ruptura radical com o cristianismo, tal como Nietzsche pretendia, partida de ideias cristãs, mesmo que as transformando. Para ele haveria uma continuidade entre o cristianismo e a filosofia da história constituída na Alemanha, tal como ela aparece tematizada em Herder, Kant, Fichte, Hegel, Marx e no próprio Nietzsche.

Se, entretanto, retomei aqui os dois intérpretes acima mencionados, não é para fazer de sua presumível autoridade um apoio à posição de Sérgio. Ao contrário, é para mostrar o quanto Sérgio, ao citar Nietzsche ao final de seu artigo, mesmo que o *denegando*, sabia, sem nenhuma dúvida, da importância e da necessidade dessa referência. Desse modo, não apenas estabeleceu uma ligação e uma

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

continuidade entre Nietzsche e o historicismo, como também ao contrário do que pensava Nietzsche, uma ligação estreita e forte entre a tradição no qual o historicismo se enraíza – de origens hegelianas, sem dúvida – e da qual Nietzsche ainda, apesar de tudo, ainda fazia parte, com nossas considerações contemporâneas sobre a história. (CHAVES, 2008, p. 409)

A disputa entre os *Annales* e a Escola Histórica Alemã

O Historicismo era heterogêneo, a temporalidade historicista não se manifesta em uma trajetória retilínea. Tendo essa escola, surgida como uma pedra de toque no século XIX, através de Ranke, Humboldt, Droysen e Gervinus, todos eles vinculados ao historicismo e ao surgimento da chamada Escola Histórica Prussiana, enquanto o objeto de estudo e reflexão, vê-se valorizada a partir de 1810, com a criação da Universidade de Berlim. (BENTIVOGLIO, 2010). A expressão “*história da historiografia*”, ao que tudo indica, foi utilizada pela primeira vez pelo filósofo alemão Hegel. Essa expressão aparece nas suas *Lições sobre a filosofia da história*, no capítulo relativo à escrita da história. (GUIMARÃES, 2011). Segundo Manoel Salgado Guimarães, o século XIX foi o século da história. Durante esse período, a História se emancipou da Filosofia e aderiu a Ciência.

Ranke, historicista do século XIX, que ocupa uma posição privilegiada e simbólica, como fundador da Escola Histórica Alemã. No livro *A História Pensada: teoria e método na historiografia europeia no século XIX*, Sérgio da Mata com precisão esmiúça e investiga aspectos centrais do célebre historiador germânico, desmistificando o “mito historiográfico” construído em torno da sua figura, indicando o percurso de sua formação, bem como suas principais contribuições a ciência histórica contemporânea. (MATA, 2015, p. 187-189). Eis que se descobre, por detrás do mito negativo do arqui positivista, o gigante historiográfico que tanto fascinara Wilhelm Dilthey(...)uma tentativa de descriminalizar o historicismo oitocentista. (MATA, 2011, p. 248). Ranke até recentemente constava na história da historiografia como autor positivista, resultado, em grande parte, da estratégia desenvolvida pelos *Annales*, para firmarem sua identidade como inéditos. O próprio François Dosse já duvidava da revolução historiográfica dos *Annales* desde os anos de 1980. Como cita, “todo projeto científico é inseparável de um projeto de poder”. (DOSSE, 2003, p. 66).

Segundo Barros (2012), quando da fundação dos *Annales* como escola, existiam três paradigmas historiográficos, o Marxismo, o Positivismo e o mais forte o

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Historicismo, e por isso o inimigo mais perigoso e respeitoso a ser contraposto pelos *Annales*. Ainda segundo ele, a França sempre teve dois grandes adversários nacionais, os ingleses e os alemães. Porém os ingleses naquele momento não apresentavam nada de novo e de destaque no campo historiográfico, já os alemães vinham de um grande século com inúmeros historiadores renomados. Os alemães tinham dado o “start” no paradigma historiográfico, que até agora era o mais bem sucedido em termos de realizações, e entre os anos de 1870 a 1930 haviam consolidado uma hegemonia historiográfica no continente europeu, como cita: “Iniciado pela Escola Histórica alemã de Ranke, e apresentado alguns precursores, esse paradigma veio a estabelecer uma unidade, a partir de uma oposição mais geral contra o Positivismo”. (BARROS, 2012, p. 64).

Nesse complexo “jogo de poder”, os pioneiros dos *Annales*, Bloch e Febvre, não foram medir forças contra a filosofia historicista mais avançada, que segundo Barros, já desenvolvia interessantes reflexões sobre a Hermenêutica e os problemas relacionados a interpretação histórica, nem dirigiram críticas aos chamados neokantianos, que também iria influenciar outro setor historicista, como o que mais tarde seria representado por Weber e Heinrich Rickert, mas foram medir forças contra os adeptos da chamada “História Historizante”, expressão que tomaram emprestada do sociólogo francês François Simiand.

No conflito bélico de 1870, durante a guerra franco-prussiana, a Alemanha saía da batalha com status de vencedora, ao mesmo tempo assegurando sua unificação sob Bismarck, e impondo uma derrota aos franceses também no campo historiográfico. Porém nas duas guerras subsequentes, e com sua eminente derrota nos dois conflitos, passaria a predominar uma certa hostilidade contra a cultura alemã nos demais países europeus. A partir desse momento, estava no ar uma demanda por outra cultura historiográfica que fosse capaz de se apresentar como vanguarda europeia e que angariasse maior simpatia política na Europa Mediterrânea, na Inglaterra e no Leste Europeu. (BARROS, 2012)

O desfecho da guerra franco-prussiana abalou o prestígio da cultura francesa, e os intelectuais brasileiros se abriram as influências inglesa e alemã: Spencer, Darwin, Buckle, Ranke, Ratzel. Os franceses ainda influenciavam: Comte, Taine, Tarde, Renan, G. Le Bon. (REIS, 2007, p.89).

Seria possível pensar os *Annales* sem a ciência histórica alemã oitocentista, sem os anos de “germanização” de Marc Bloch e Febvre em Estrasburgo, através dos conflitos

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

e do nacionalismo europeu, legitimando uma suposta “revolução” dos *Annales*? Ou será que que Sérgio Buarque, já em sua maturidade, realmente superou a sociologia de Weber em sua escrita? Ou apenas, adaptou-o ao seu novo método historiográfico? O projeto francês em terras brasileiras, a chamada “*Missão Francesa*” principalmente na USP e na UDF, visavam uma disputa simbólica contra a historiografia alemã nos trópicos? (ROJAS, 1995). Se a unificação alemã, que coincide com a constituição da ciência histórica alemã no século XIX, e a vitória na guerra Franco-Prussiana em 1871, trouxeram uma vitória no campo historiográfico, já a “catástrofe” alemã nas guerras mundiais, teriam abalado o prestígio germânico em relação a historiografia francesa, americana e inglesa? O projeto historiográfico francês silenciou a historiografia alemã no Brasil? Como bem analisaram Estevão Martins e Pedro Caldas, sobre a construção de um “mito” historiográfico dos *Annales*, acerca da escola alemã do século XIX.

De que adianta um Sérgio Buarque de Holanda ter enfatizado que Ranke buscava “grandes unidades de sentido” se ainda prevalece o ataque francês dos *Annales* à historiografia do século XIX? Até mesmo, um autor marxista – portanto, insuspeito – como Ciro Cardoso tentou desfazer o equívoco. Em primeiro lugar, é fundamental descolar o nome de Ranke o rótulo de “positivista”. Em comum com Auguste Comte, apenas a busca pela verdade. (MARTINS E CALDAS, 2013, p. 13).

Afinal muito da historiografia francesa, passa principalmente pelo historicismo alemão. “O historicismo francês alimenta-se em grande parte, na escola historiográfica alemã, nas teses de Leopold Von Ranke da metade do século 19. Elas influenciaram bastante os historiadores franceses, que delas extraíram as bases teóricas. (DOSSE, 2003, p. 66) Destacando a interlocução, mediação e admiração de Bloch e Febvre, por intelectuais alemães, criando um intercâmbio entre as duas nações, com nomes como Max Weber, George Von Below, Karl Lamprecht, Friedrich Meinecke, Kantorowicz e Werner Sombart. Para Peter Schottler, Bloch e Febvre dialogaram diretamente com as ciências históricas alemãs. Febvre chega ao ponto de afirmar que era preciso “desaprender dos alemães”, aludindo a existência recalcada de uma clara inspiração alemã em seus escritos. Herdeiro da tradição crítica metódica, Bloch se impõe como um mediador principal entre a ciência histórica alemã e a história francesa. (BENTIVOGLIO, 2013).

Ou porque não citar Braudel, quando este próprio, líder da segunda geração cita a importância da historiografia alemã para os *Annales*, quando estes formados em

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Estrasburgo, ficaram expostos a um processo de germanização no campo da história. Sendo assim, pode-se afirmar que a Alemanha, tentava rivalizar com a França, principalmente através da Universidade de Estrasburgo, até então pertencente à Alemanha, durante o governo de Bismarck, tornando-a o símbolo da superioridade alemã sobre a cultura francesa. “Seria então fortuito o fato de Henri Berr, Lucien Febvre, Marc Bloch e eu mesmo sermos os quatro do leste da França? Que o empreendimento dos *Annales* comece em Estrasburgo, face a Alemanha e ao pensamento histórico alemão?”. (DAIX, 1995, p. 173). Como cita Maria Odila Silva Dias. "A rivalizar com a presença da “nova história social francesa” no pensamento de Sérgio Buarque, quando não superando-a, estaria a filosofia, a sociologia e a historiografia alemã". (DIAS, 1986).

O projeto francês, propunha uma guerra simbólica pela dominação da historiografia em nível mundial. Rivalizando com outras potências ocidentais, como o projeto inglês, o norte americano, o italiano e principalmente o alemão, como cita Reis, “Na verdade, a escola francesa dos *Annales* não pode ser entendida sem se considerar a herança da escola histórica alemã. Os "grandes homens" dos *Annales* liam alemão e Bloch até mesmo estudou na Alemanha”. (REIS, 2004, p. 101). Como cita Guy Bourdê, “Antes da I Guerra Mundial, Marc Bloch permanece nas Universidades de Leipzig e Berlim na Alemanha”. (BOURDÉ, 2018, p. 207)

Sérgio Buarque de Holanda, o Historicista Alemão

Sérgio Buarque de Holanda, em um belo e extenso ensaio publicado na revista da USP, datado de 1974, intitulado “*O atual e o inatual na obra de Leopold Von Ranke*”, onde o autor irá descrever os pormenores da vida e obra do luterano e historicista Ranke. Sérgio faz comentários e elogios ao historiador alemão, como cita no artigo: “Entre os historiadores se diz, foi o maior escritor da Alemanha”. Mostrando como suas aulas se transformaram em um verdadeiro laboratório, usando métodos científicos, buscando a separação entre a filosofia e a história, usando os exegetas bíblicos como referência na forma de analisar as fontes e os documentos. Nota-se que Sérgio irá traçar um paralelo interessante entre Ranke e Bloch, usando como referência a obra *Apologia da História*, e diz: “Os dois caminhos assinalados por Bloch, não diferem substancialmente dos caminhos descritos e separados por Ranke”. (HOLANDA, 1974).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Sérgio faz ainda uma breve narrativa da história do pensamento alemão fazendo alusões a personagens importantes como a Escola de Frankfurt, Hegel, Dilthey, Meinecke, Weber, Karl Lamprecht e cita Ernest Curtius, mostrando que o historicismo não é um método ou uma escola, e sim um tipo de mentalidade: “Historicismo não é uma teoria científica e sim um modo de ver e de ser, surgido no universo mental de Hegel e Ranke, de Nietzsche e Jacob Burckhardt, e que só nele poderia aparecer”. Burckhardt, conhecido como historiador da cultura, teve também grande influência sobre o pensamento de Weber. (HOLANDA, 1974). No ano de 1973, Sérgio Buarque empreende uma viagem à Alemanha, onde irá entrar em contato com a obra *O Dicionário de Conceitos Históricos*, de Otto Brunner, Werner Conze e Reinhart Koselleck. Ao que tudo indica, Sérgio Buarque leu atentamente o primeiro volume da obra. (HOLANDA, 2006).

Foge à finalidade da presente introdução, mas foge sobretudo à competência de quem a redige, uma resenha das tendências dessa historiografia [alemã]. Baste, a título de exemplo, lembrar a singular importância do monumental *Léxico dos conceitos fundamentais da história*, já em curso de publicação, sob a direção de Otto Brunner, Werner Conze e Reinhart Koselleck, que, além de revelar a notável vitalidade daquelas tendências, é uma demonstração de como se pode renovar, sem traí-lo, o espírito da “escola” histórica alemã [...]. A originalidade da concepção do léxico prende-se estreitamente a querer mostrar a transformação das noções, de maneira que a experiência nelas condensada permita esclarecer os aspectos teóricos. Não se pretende, contudo, oferecer definições abstratas e exteriores à história, que pudessem prescindir das mudanças de significação ao longo do tempo. [...] Nada destoa vivamente, nessa concepção, da tradição espiritual que Leopold von Ranke representou em grau eminente, renovada, embora, e enriquecida, para atender às mais recentes exigências do trabalho histórico. (HOLANDA, 1974, p. 48-49)

Ranke, até recentemente constava na história da historiografia como autor positivista, resultado, em grande parte, da estratégia desenvolvida pelos *Annales*, para firmarem sua identidade como inéditos. Novamente percebe-se, a disputa pela escrita da história, rivalizando estaria os *Annales*, e a escola alemã do século XIX. (DOSSE; DELACROIX; GARCIA, 2012). O filósofo e historiador das ideias alemão Karl Löwith afirmou que foi só com Burckhardt que a “ideia da história” finalmente se libertou do mito, e daquela nefanda “filosofia da história” engendrada pela confusão de mito e conhecimento histórico, que havia dominado o pensamento histórico desde a Alta Idade Média até os meados do século XIX, a exemplo de seu mestre Ranke, Burckhardt chamou sua “filosofia da história” de “teoria da história”. (WHITE, 1973, p. 244).

A história é distinta de todas as outras ciências, já que também é uma arte. A história é uma ciência da coleta, da busca, da penetração; é uma arte porque

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

recria e retrata aquilo que encontrou e reconheceu. Outras ciências se satisfazem simplesmente com o registro do que foi encontrado; a história requer habilidade de recriar. (RANKE, 2016, p. 89)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, José D'Assunção. *Teoria da História: A Escola dos Annales e a Nova História*. Editora Vozes, Rio de Janeiro, 2012.

BENTIVOGLIO, Júlio. *História e narrativa na historiografia alemã do século XIX*. 2010.

_____. Marc Bloch (1886-1944). In: *A Constituição da História como Ciência*. Org.: BENTIVOGLIO, Júlio; LOPES, Marcos Antônio. Ed: Vozes, Rio de Janeiro, 2013.

_____. *Afirmção da História como Ciência no século XX (de Arlette Farge a Robert Mandrou)*. Editora Vozes, Rio de Janeiro, 2016.

BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. *As Escolas Históricas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. São Paulo: Forense Universitária, 1982.

CHAVES, Ernani. O Historicismo de Nietzsche, segundo Sérgio Buarque de Holanda. *Sérgio Buarque de Holanda Perspectivas*. MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (Org.). São Paulo: Editora Unicamp, 2008.

DAIX, Pierre. *Fernand Braudel: Uma Biografia*. São Paulo: Editora Record, 1995.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Negação das negações. In: *Sérgio Buarque de Holanda Perspectivas* [S.l: s.n.], 2011.

_____. *Sérgio Buarque de Holanda na USP*. Estudos Avançados, vol. 8, n° 22, 1994.

_____. Introdução. In: *Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo, Ática, 1986. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

DOSSE, François. DELACROIX, Christian. GARCIA, Patrick. *As Correntes Históricas na França, Século XIX e XX*. São Paulo, Unesp, 2012.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

DOSSE, François. *A História em Migalhas: Dos Annales a Nova História*. São Paulo: Edusc, 2003.

EUGÊNIO, João Kennedy. *Ritmo Espontâneo: Organicismo em Raízes do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda*. Teresina: Editora da UFPI, 2011.

GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. *Sobre a história da historiografia brasileira como campo de estudos e reflexões*. Rio de Janeiro, 2011.

HOLANDA, Maria Amélia Buarque de. *Apontamentos para a cronologia de Sérgio Buarque de Holanda* [1979]. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Edição comemorativa: 70 anos. Org. Ricardo Benzaquen de Araújo e Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, 480 p., pp. 421-446.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Sobre uma Doença Infantil da Historiografia*. O Estado de São Paulo, São Paulo, 17 de junho de 1973.

_____. *Visão do Paraíso*, São Paulo, 2010. Companhia das Letras.

_____. *O Expressionismo*. Revista Arte Nova, Rio de Janeiro, 1922.

_____. *Thomas Mann e o Brasil*. O Jornal, Rio de Janeiro, 1930.

_____. *Tendências Filosóficas*. Jornal Diário Carioca, março de 1951.

_____. *Palestra proferida por SBH, discorrendo sobre o tema “História”*. A convite dos alunos do “Centro de Estudos Históricos Afonso de Taunay”. (196-).

_____. *O atual e o inatual na obra de Leopold Van Ranke*. Revista de História, Universidade de São Paulo, 1974.

_____. Entrevista a Richard Graham. *Todo Historiador precisa ser um bom escritor*. Publicado originalmente na Hispanic American Historical, fevereiro de 1982.

IGLÉSIAS, Francisco. *Sérgio Buarque de Holanda, Historiador*. UERJ, Rio de Janeiro, 1992.

MARTINS, Estevão de Rezende. *A história pensada: teoria e método na historiografia europeia do século XIX*. São Paulo: Contexto, 2015.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

MARTINS, Estevão; CALDAS, Pedro. Leopold Von Ranke (1795-1886). In: *A Constituição da História como ciência, de Ranke a Braudel*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013.

MATA, Sérgio da Mata. *Ranke Reloaded: Entre a história da historiografia e história multiversal*. Revista História da Historiografia, 2011.

_____. Leopold Von Ranke (1795-1886). In: *A História Pensada: Teoria e Método na Historiografia Europeia do Século XIX*. Org.: MARTINS, Estevão de Rezende. São Paulo, Editora Contexto, 2015.

MONTEIRO, Pedro Meira. *Signo e Desterro: Sérgio Buarque de Holanda e a Imaginação do Brasil*. Editora Hucitec, São Paulo, 2015.

NICODEMO, Thiago Lima; SANTOS, Pedro Afonso Cristovão; PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. *Uma Introdução à História da Historiografia Brasileira (1870-1970)*. FGV, Rio de Janeiro, 2018.

RANKE, Leopold Von Ranke. Retórica e estética da história: Leopold Von Ranke. In: *História e Narrativa: A Ciência e a Arte da escrita Histórica*. Org.: MALERBA, Jurandir. Editora Vozes, Rio de Janeiro, 2016.

REIS, José Carlos. *As Identidades do Brasil 1: De Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

_____. *A História entre a Filosofia e a Ciência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

ROCHA, Sabrina Magalhães. *Lucien Febvre, Marc Bloch e as Ciências Históricas Alemãs (1928-1944)*. Coleção Estudos Alemães. UFOP, 2012.

ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. *Os Annales e a historiografia francesa*. Maringá: Ed. Eduem, 1995.

SELL, Carlos Eduardo. *Max Weber e a racionalização da vida*. Editora Vozes, Rio de Janeiro, 2013.

VELLOSO, Monica Pimenta. *História e Modernismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Companhia das Letras, São Paulo, 2012.

**ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História
Rio de Janeiro/RJ, 2021**

WHITE, Hayden. *Meta-História: A imaginação histórica do século XIX*. Edusp, São Paulo, 1973.